

A coexistência do online e do impresso nos arquivos do *Diário da Peste*, de Gonçalo Tavares

Mestranda Isabela Mendonça de Carvalho Monteiro (CEFET-MG)

Logo no início de 2020, começaram a circular as notícias de um vírus que estava se alastrando pela China. Rapidamente o coronavírus se espalhou pelo mundo inteiro e causou tantas mortes que, em março do mesmo ano, vários países impuseram o isolamento das pessoas como medida para minimizar a propagação da doença.

Diante da necessidade de distanciamento social, Gonçalo M. Tavares – escritor contemporâneo de língua portuguesa – passou a registrar o momento em textos escritos dia a dia, intitulados *Diário da Peste*. Essa publicação online no site do jornal português *Expresso* iniciou em 24 de março de 2020 e ocorreu ininterruptamente durante noventa dias.

Como forma de tentar compreender e atravessar os estranhos dias do isolamento, o *Diário da Peste* tornou-se então um “companheiro nos dias duros e nos dias feitos para ver” (TAVARES, 21/6/2020)¹. E mais: “tentativa de documento para que a memória bamba deixe um vestígio mais claro” (TAVARES, 21/6/2020).

A despeito do que se imagina por conta do uso da palavra “diário”, o *Diário da Peste* não é especificamente o registro do cotidiano de um escritor em confinamento, mas são, isso sim, textos escritos a partir da vivência desse escritor de um acontecimento fraturante, que dividiu o século em dois – como ele mesmo escreveu: “O século XXI partido em dois por um vírus. / Dois séculos tem este século” (TAVARES, 27/3/2020)².

Esse antes e depois gerado pela cisão do trauma ocasionado pelos acontecimentos da pandemia instaura duas temporalidades que não necessariamente acompanham a progressão do calendário. Antes, parecem criar uma suspensão temporal propícia ao aparecimento de imagens “em que o ocorrido encontra o agora num lampejo” (BENJAMIN, 2018, p. 766).

¹ Todos os noventa textos do *Diário da Peste* estão datados e foram publicados, no site do jornal português *Expresso*, no dia seguinte ao indicado no texto de Gonçalo Tavares. Para facilitar uma possível busca ao conteúdo original, optou-se aqui por indicá-los pela data de sua publicação no site. Os links que dão acesso aos textos citados encontram-se nas referências.

² Optou-se por utilizar barras na transcrição dos trechos do *Diário da Peste* que não aparecem em citação recuada para indicar a quebra das linhas tal como aparece na publicação online.

Então, em vez de um manuscrito restrito ao uso daquele que o escreve – como comumente são os diários –, Tavares utiliza a escrita e a publicação digital do *Diário da Peste* como suporte para o pensamento e o entendimento do que acontecia naquele período da pandemia.

Assim, tudo que o olhar capta, seja na realidade próxima seja pelas telas, pode virar matéria de escrita: cinema, poesia, filosofia, lembranças, o ferimento na pata do animal de estimação ou mesmo links que levam a textos publicitários, como o mencionado a seguir. Neste fragmento do *Diário*, incorpora-se parte de um texto da internet – a descrição de uma gaze, no site de uma farmácia online –, estranhamente traduzido entre o poético e o mecanicismo dos dispositivos de tradução virtual:

Preciso de gaze para as feridas de humanos e animais e consulto um link.
“<https://www.mifarma.pt/gasas-suaves-hansaplast-10-uds-85m-x-5cm>”.
Nos detalhes o link diz o seguinte:
‘Ao olhar, as toupeiras indicaram limpar e coletar feridas.’
Mais à frente: ‘Invólucro estéril individual.’
Depois, o decisivo. Como usar:
‘Limpe a área circundante cuidadosamente antes de aplicar o olhar.’
‘Use ou cure o olhar Hansaplast para fixar um olhar em nenhum lugar.’
‘Aplique um novo, acho que menos cabelo diariamente.’
Todas as instruções deviam ser assim.
Instruções de um maluco para outros malucos.
Gosto dos tradutores automáticos que entram na alta estética sem o saber (TAVARES, 7/4/2020).

Tal como sugere o delirante anúncio, Gonçalo Tavares, a fim de “limpar e coletar feridas”, usa, no registro do *Diário*, um olhar bem particular. O autor vê o mundo e o que nele acontece e transpõe, pela via da linguagem escrita, algumas nuances dessa realidade:

Leio La Repubblica e estremeço.
Digo alto a frase.
Repetir alto uma frase até ela se dissolver no ar, como se não tivesse existido.
Repetir 100 vezes uma frase para ela desaparecer.
Como se o uso repetido fosse uma forma de destruição das frases e das coisas.
No La Repubblica dizem que na Lombardia já não há avós.
É esta a frase.
É preciso repeti-la até ela desaparecer no ar.
Escondê-la debaixo do chão ou então repeti-la até ela desaparecer no ar.
No La Repubblica dizem que na Lombardia já não há avós (TAVARES, 29/3/2020).

A perspectiva do olhar daquele que escreve o *Diário*, a partir da leitura da informação de um jornal, pretende fazer ver a dificuldade de se nomear o absurdo dos acontecimentos daqueles dias. Para isso, a palavra vai sofrendo sucessivos desvios em direção a uma linguagem criadora de imagens e, em última instância, ao literário, como se repetindo a frase lida no jornal seu sentido informativo se fosse desgastando até as palavras fazerem aparecer outra coisa.

Embora utilize fatos reais como base para a escrita – sem, contudo, o compromisso jornalístico da informação –, o texto é material que se pensa a si mesmo e dialoga tanto com os “tradutores automáticos que entram na alta estética” quanto com a tradição literária, como ocorre neste fragmento em que um discurso político da ex-chanceler da Alemanha, Angela Merkel, desperta em Gonçalo Tavares memórias literárias que ele tem a respeito de Hölderlin:

Merkel disse que o país continua a caminhar sobre “o mais fino do gelo fino”.
Mesmo imóvel o peso do humano faz o perigo.
[...]
“Seria uma pena terrível se a nossa esperança nos castigasse”, acrescentou Merkel.
[...]
Merkel acerta e faz sínteses.
Saber quem escreve o que Merkel diz.
Seria terrível se a nossa esperança nos castigasse.
Quase Hölderlin (TAVARES, 24/4/2020).

Ao reunir lado a lado, sem hierarquia, poesia (Hölderlin) e acontecimentos da realidade para pensar o presente, Tavares realiza uma montagem que comporta, simultaneamente, a menção àquele que foi um dos fundadores da modernidade poética alemã e informações do presente, mais especificamente a fala de uma ex-chefe de estado alemã. Indo além: uma montagem que traz para o presente diferentes tempos, sem, contudo, tornar o *Diário da Peste* um mero jogo de erudição ou local de registro e acumulação de citações, acontecimentos e memórias. Não se trata, pois, de esmiuçar o cotidiano dos dias da peste, e sim colocar os acontecimentos em perspectiva para desvelar algo do presente que não é possível ser visto apenas documentando aquilo que acontece.

A relação, na imagem desse encontro ocorrido dentro do *Diário da Peste*, difere da cronológica, pois não se trata de um passado iluminando um presente (ou o contrário), mas sim de um encontro de temporalidades. Uma espécie de síntese entre o tempo do presente e o tempo da memória que abre sentidos não exatamente coincidentes com o passado da obra de Hölderlin nem com os sentidos de superfície expressos no discurso de Merkel. Dos vestígios desses

diferentes tempos, emergem, na escrita de Gonçalo Tavares, imagens que carregam a marca do momento e, ainda assim – ou exatamente por esse motivo –, possibilitam abertura a novos sentidos.

Ler o passado ao falar do presente é apontar para o futuro, fazer uma espécie de aposta, de penhor. Um processo que se realiza sempre no presente dos atos de leitura e de escrita e cujo arquivamento se direciona para uma temporalidade futura, tal como é o arquivo para Jacques Derrida, em seu livro *Mal de arquivo*: “O arquivo sempre foi um penhor e, como todo penhor, um penhor do futuro”.

Embora importe na constituição do *Diário da Peste*, o tempo não funciona de modo linear – permitindo, inclusive, que Hölderlin e Merkel se “encontrem” – e passa-se à lógica de arquivo, em que “o sentido arquivável se deixa também, e de antemão, co-determinar pela estrutura arquivante” (DERRIDA, 2001, p. 31). Isto é, os sentidos que se abrem para o futuro são dados não exclusivamente no momento de realização daquela escrita, mas também a partir dos traços resultantes de outras escritas, memórias e tempos.

Ao recuperar tanto a memória literária quanto a histórica, a partir de uma fala informativa do cotidiano, e escrever – ou arquivar – a respeito de algo do presente, Tavares constrói uma terceira instância: um arquivo que se inscreverá para o futuro de maneira diversa das instâncias que a ele deram origem. O modo como esse arquivamento ocorre – texto escrito em linguagem literária e publicado online – é determinante na forma como o *Diário da Peste* será (ou não) recuperado posteriormente.

A esse respeito, vale destacar o caráter, em alguma medida, atemporal do texto literário se comparado, por exemplo, com o discurso de uma autoridade política que, conforme a situação, necessita de informações que contextualizem e clareiem o sentido de seu conteúdo.

Na ideia de arquivo proposta por Derrida, chama a atenção a relevância do aspecto técnico, a “estrutura arquivante”. É ela que determinará o “sentido arquivável” em sua relação com o futuro, não apenas no que concerne às possibilidades de (re)produção, impressão, conservação e destruição, mas também no que diz respeito às experiências e às mudanças políticas, tal como uma aposta, pois “o arquivamento tanto produz quanto registra o evento.” (DERRIDA, 2001, p. 29).

Nesse sentido, o suporte de publicação diária virtual (sistema de arquivamento digital diário) do *Diário da Peste* foi um método que teve consequências na forma de entender a realidade e no modo diferente – dia a dia, durante noventa dias – de compor o livro.

Em maio de 2021, o *Diário da Peste* ganhou um subtítulo – *O Ano de 2020* – e uma versão impressa em que os links viraram apenas letras (<https://www...>) e tornaram-se inoperantes.

A transposição desse livro online para o suporte impresso, sem considerar algumas nuances que distinguem as duas modalidades, acaba justamente por ressaltar as particularidades de cada uma. O impresso carece de certa fluidez de navegação, o que se observa, por exemplo, na transcrição de um link que a nenhuma porta leva.

Com isso, sinalizo apenas uma entre as múltiplas questões que se abrem na aproximação entre distintas modalidades de arquivamento de um mesmo texto. Talvez, sequer possamos dizer que de um mesmo texto se trate. Afinal, de uma a outra forma de arquivar, outros sentidos se abrem, pois “não se vive mais da mesma maneira aquilo que não se arquivava da mesma maneira” (DERRIDA, 2001, p. 31).

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. 3 v.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

TAVARES, Gonçalo M. *Diário da Peste – O Ano de 2020*. Lisboa: Relógio D’Água Editores, 2021.

TAVARES, Gonçalo. Diário da Peste: “A salvação agarra-se à pequena fissura”. *Expresso*, Lisboa, 29 mar. 2020. Disponível em: <https://expresso.pt/opiniao/2020-03-29-Diario-da-Peste-A-salvacao-agarra-se-a-pequena-fissura>. Acesso em: 20 jun. 2020.

TAVARES, Gonçalo. Diário da Peste. A sala Tchaikovsky em Moscovo. *Expresso*, Lisboa, 27 mar. 2020. Disponível em: <https://expresso.pt/opiniao/2020-03-27-Diario-da-Peste.-A-sala-Tchaikovsky-em-Moscovo>. Acesso em: 18 ago. 2020.

TAVARES, Gonçalo. Diário da Peste. Diante do acontecimento ficar atento e em pé. *Expresso*, Lisboa, 21 jun. 2020. Disponível em: <https://expresso.pt/opiniao/2020-06-21-Diario-da-Peste.-Diante-do-acontecimento-ficar-atento-e-em-pe>. Acesso em: 21 jun. 2020.

TAVARES, Gonçalo. Diário da Peste. O humano número 486. *Expresso*, Lisboa, 7 abr. 2020. Disponível em: <https://expresso.pt/coronavirus/2020-04-07-Diario-da-Peste.-O-humano-numero-486>. Acesso em: 24 ago. 2020.

TAVARES, Gonçalo. Diário da Peste. Quando o humano acorda e não precisa de calçar sapatos. *Expresso*, Lisboa, 24 abr. 2020. Disponível em: <https://expresso.pt/opiniao/2020-04-24-Diario-da-Peste.-Quando-o-humano-acorda-e-nao-precis-a-de-calcas-sapatos>. Acesso em: 20 jun. 2020.

Como citar este texto:

MONTEIRO, Isabela M. C. A coexistência do online e do impresso nos arquivos do Diário da Peste, de Gonçalo Tavares. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA e SEMINÁRIO DE ARTES DIGITAIS, 7, 2022, Belo Horizonte. *Anais do 7º Congresso Internacional de Arte, Ciência e Tecnologia e Seminário de Artes Digitais*. Belo Horizonte: EdUEMG, 2022. ISSN: 2674-7847. p. 169-174.